



Protestantismo em Revista é licenciada
sob uma Licença Creative Commons.

Reflexões entre o Eclesiastes e Schopenhauer sobre a morte: os problemas do mundo e o receio da morte

Reflections between Ecclesiastes and Schopenhauer on death:
the world's problems and the fear of death

*Álvaro Martins Santos Júnior**

Resumo

O presente artigo diz respeito a uma proposta reflexiva sobre os posicionamentos do filósofo Schopenhauer e do sábio escritor do livro bíblico do Eclesiastes, denominado Qoheleth, tendo como foco a morte. Serão abordados pontos tocados pelos dois autores sobre a morte em conexão, desenvolvendo o tema. Inicialmente, serão abordadas as perspectivas dos autores sobre os problemas do mundo e a morte, depois sobre o dilema do receio gerado pela morte. Ficará clara a importância do pensar sobre a morte como um elemento central no diálogo teológico com a metafísica e com a ética filosóficas, a partir da linguagem antiga de sabedoria.

Palavras-chave

Morte. Schopenhauer. Eclesiastes. Qoheleth.

Abstract

This article addresses a reflective proposal on the positions of the philosopher Schopenhauer and the wise writer of the biblical book of Ecclesiastes, called Qoheleth, focusing on death. It will address points touched by the two authors on death in connection, developing the theme. Initially, the prospects of the authors about the world's problems and death, then on the dilemma of fear generated by the death will be addressed. It will clear the importance of thinking about death as a central element in theological dialogue with metaphysics and philosophical ethics, from the ancient words of wisdom.

Keywords

Liberation Theology. Theory of dependence. Sociology.
Underdevelopment.

[Texto recebido junho de 2015 e aceito em junho de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

* Mestre em Teologia pela Faculdades EST; Pós-Graduado em Filosofia pela UCB - DF; Pós-graduado em Docência do Ensino Superior pela Estácio de Sá/RJ. Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Brasileiro/MG. Graduado em Produção e Multimídia pelo Centro Universitário Jorge Amado/BA, Escritor; Produtor Musical e Fonográfico; Cantor, Compositor e Instrumentista. Professor de Filosofia e de Culto Cristão no Seminário Teológico Batista do Nordeste. Pastor da Igreja Batista de Vilas do Atlântico, Salvador - BA.

Considerações Iniciais

À beira do seu fim por envenenamento, todavia impávido, Sócrates parece aproveitar o momento fatídico para oferecer uma perspectiva apaziguadora da morte. Fédon testemunha isto, dizendo assim:

Minha impressão, naquele instante, foi que sua passagem para o Hades não se dava sem disposição divina, e que, uma vez lá chegando, sentir-se-ia tão venturoso com os que mais o foram. Por isso mesmo, não me dominou nenhum sentimento de piedade, o que seria natural na presença de um moribundo.¹

A tranquilidade aparente de Sócrates diante da morte confortou os ouvintes em seus dilemas interiores frente ao inevitável, e deixa claro que os filósofos costumavam cultivar posicionamentos bem resolvidos a respeito da morte. O fascínio que a morte carrega é explicável por representar anseios inerentes aos humanos, tais quais: necessidade de perpetuação, necessidade de consolo pela perda, necessidade de explicação do sentido das coisas etc. Um filósofo que se tornou conhecido pela abordagem dessas nuances foi Arthur Schopenhauer.

Curiosamente, o instrumental linguístico schopenhaueriano é semelhante à das literaturas sapienciais da antiguidade devido ao seu contato com os escritos Vedas.² O filósofo utilizou de aforismos diretos e reflexões proverbiais similares ao estilo desta escola, comum entre as antigas civilizações; o que também tornou sua filosofia consideravelmente interessante e diferenciada. Esse motivo nos faz ligá-lo à teologia bíblica referindo-nos ao mais filosófico dos livros bíblicos: o Eclesiastes e seu escritor.

Egito, Babilônia, Hititas, Hebreus e o extremo oriente; desenvolviam a literatura sapiencial, utilizada por Schopenhauer e Qohélet (Escritor do Eclesiastes). Não obstante compartilhassem de leis de preservação da vida e da sociedade, dispunham de abordagens éticas que incluíam modelos e relações familiares; além de bem-aventuranças. Ptah-hotep, no Egito, falava de não nutrir maus desejos no coração³, os provérbios do rei Salomão falavam de como encontrar uma boa esposa, como ser feliz e obter sucesso etc.⁴ Ao que aqui nos interessa, também curiosamente, é sobre a morte que o livro bíblico sapiencial do Eclesiastes tem bastantes semelhanças de pressupostos com os escritos de Schopenhauer.

A proposta então, assim, será por frente-a-frente as ideias de Qohélet e Schopenhauer em quesitos sobre a morte tratados pelos dois. Assim procede, que, a

¹ PLATÃO. Fédon. In: *Coleção Os Pensadores*. 5. ed. São Paulo : Nova Cultural, 1991. p. 105-106.

² BARBOSA, Jair. *Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo*. São Paulo: Moderna, 1994. p. 23.

³ SCHIMIDT, Werner. *A fé no Antigo Testamento*. São Leopoldo, Sinodal. p. 410.

⁴ Pv. 18. 22.

seguir, estudaremos as divergências e convergências sobre os temas atrelados à morte destes pensadores de diferentes períodos históricos que aqui se encontram em uma espécie de buraco de minhoca.⁵

Os problemas do mundo e a morte em Qoheleth

Vi as lágrimas dos oprimidos, mas eles não têm consolador; o poder está do lado dos seus opressores, e eles não têm consolador. Por isso considere os mortos mais felizes dos que ainda vivem e mais feliz aquele que ainda não nasceu, que não viu o mal que se faz debaixo do sol.⁶

Em um mundo de injustiças, parece que nascer é um desfavor a si mesmo e morrer é, enfim, deixar de sofrer. Uma vida de privações seria, portanto, uma vida sem sentido? As elucubrações existenciais nas quais se tenta achar uma razão para fazer o que se faz, para conhecer mais, são, para o sábio, “tudo inútil”.⁷ E como contestar isso?

Contexto do sábio referente à morte

Qoheleth assumiu pseudônimo do rei Salomão. O sábio viveu no período de dominação grega sobre a nação israelita⁸ A dinastia Ptolomaica tivera sido arrasadora para os judeus. As economias, as propriedades estavam sendo moeda de troca para pagamento de pesados tributos e alguns já estavam tendo de vender filhos como escravos para pagar as dívidas. Sobre isso, o eminente professor de literatura sapiencial Anthony Ceresko afirma:

Nenhum profeta se levantou para transmitir a palavra de Deus; nenhum sacerdote se mostrara capaz de produzir respostas a partir da Lei. Somente o sábio entra em cena [...] Trata-se de uma espiritualidade que aceita as trevas, se rende ao mistério e, por fim renuncia ao mais caro e profundo desejo humano – entender a vida.⁹

Apesar de ser parte da literatura sapiencial, Qoheleth traz um elemento de ruptura às soluções prontas desse tipo de texto que, geralmente, propõe uma vida de bem-aventuranças. Ele “critica abertamente a segurança hiperconfiante daqueles que se apressavam em apresentar fórmulas acabadas para o sucesso ou respostas persuasivas a problemas humanos profundos”¹⁰ – como disse Ceresko. Em certo sentido, o Eclesiastes é

⁵ O buraco de minhoca é uma fenda no espaço-tempo, que ainda permanece em teoria, mas que na literatura torna-se possível pelo imaginário da linguagem.

⁶ Ec. 4. 1-2

⁷ Ec. 1. 2c.

⁸ CERESKO, Anthony. *A Sabedoria no Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2004. p. 101.

⁹ CERESKO, 2004, p. 104.

¹⁰ CERESKO, 2004, p. 107.

uma crítica ao padrão dos provérbios salomônicos e salmos daviditas, nos quais a exaltação da justiça e da sabedoria se mostram importantes.

Qoheleth e a filosofia da morte a partir da exterioridade em um mundo desprovido de finalidades

O Eclesiastes desenvolve uma filosofia sobre a morte a partir da tensão exterior. A morte está em qualquer esquina, portanto é a exterioridade próxima que nos visita como um assaltante. Assim, Qoheleth terá sempre uma leitura sobre a morte, tendo como chave hermenêutica, seu círculo vivencial externo.

A morte pode passar a ser, como no contexto do sábio, tema recorrente para os que são privados de dignidade. A pessoa humana em estado de sujeição, vítima do preconceito e da exploração, sendo diminuído por outro humano que se animaliza na insensibilidade e extremo chauvinismo, expresso pelo orgulho patriótico ou racial; perde o gosto pela vida e acha pouco sentido de continuar, por exemplo, trabalhando e empreendendo. A esperança diminui na medida em que o tempo passa e o cenário não muda.

É comum, então, ver pessoas falarem da morte como penalidade para homens maus, contudo, ao perceberem que isso não é tão exato muito menos imediato, abandonam essa ideia. Ao perceberem a vida longa dos que cometeram atrocidades, fica mais claro ainda. Assim, seria coerente pensar que também cada um dos que morreram e sofreram na mão de tiranos alucinados de forma tão atroz, “nunca deveriam ter nascido”. Portanto pensar em todos os mortos que serviram de modelo do absurdo é concluir que o mundo é inóspito e desprovido de finalidades e que a morte é, em si, a única possibilidade de final feliz.

Diante do visto, não restaria crer em nada senão em um julgamento futuro para todos, principalmente para os opressores, por isso diz Qoheleth: “Vi também que debaixo do sol havia a maldade no lugar da retidão; e que havia ainda mais maldade no lugar da justiça. Eu disse no coração: Deus julgará o justo e o ímpio”.¹¹

Em um mundo que não devolve coisas, apenas recebe, de fato talvez não valha a pena, realmente, nutrir esperança ingênua. Nele, a vida se torna apenas sugadora da energia, desgastando-nos pouco a pouco. Todavia, na morte, onde todos se igualam, o juiz – o mesmo para oprimidos e opressores – será pelos oprimidos. Deus julgará o justo e o perverso.¹² Em um lugar onde a justiça não aparece, talvez o melhor mesmo é imaginar que fora dele se manifestará.

¹¹ Ec. 3.7.

¹² Ec. 3. 17.

Os problemas do mundo e a morte em Schopenhauer

Schopenhauer tem uma visão semelhante a Qoheleth a respeito do mundo, muito embora por motivos diferentes. Ele defende que “o fim da filosofia não é consolar”, mas simplesmente oferecer senso de realidade. Assim ele defende que viver é sofrimento, pois o ser humano está sempre próximo do tédio. Ao buscar motivações, o homem estaria simplesmente nutrindo a vontade de estar vivo; o tédio estaria à espreita em cada bonança, logo, a paz que o homem procura na felicidade, mais cedo ou mais tarde se traduzirá em tédio. Estaríamos vivendo sempre a ânsia de um novo desafio, como diz o trecho:

A vida do homem é um combate perpétuo, não só contra males abstratos, a miséria, os aborrecimentos, mas também contra os outros homens. Em toda parte encontra-se um adversário: a vida é uma guerra sem tréguas, e morre-se com as armas na mão.¹³

Para Schopenhauer a morte traduz-se no alívio dessa luta incessante, pois o inferno é a Terra. Ele chega a usar a força de expressão de que “os demônios estariam cumprindo pena se resolvessem possuir os homens”.¹⁴ Ele procura demover toda a ideia de construção válida na vida, como sendo satisfatória.

Contexto do filósofo referente à morte

Schopenhauer vem de uma vida tranquila economicamente, no entanto a tragédia lhe acompanhou vorazmente. Tem em seu pai, um suicida, quando o filósofo ainda tinha dezessete anos; e em sua mãe uma temperamental e odiosa pessoa, que o tenta matar empurrando-o escada abaixo em sua casa, temendo que ele se tornasse um escritor com tamanha fama quanto a que ela tinha. A senhora Schopenhauer teve inveja do filho, que tão cedo é elogiado por Goethe sobre a qualidade da sua escrita, e temeu que o menino tomasse o seu lugar.¹⁵ Maltratado, então, pela fatalidade e pela rejeição, Schopenhauer, inevitavelmente, enxerga o mundo por olhares daltônicos, muito embora com nitidez privilegiada.

Schopenhauer e a filosofia da morte a partir da interioridade: a morte como fim da dor.

Nesse ponto fica claro que o caminho de reflexão existencial caminha, não somente enquanto um indivíduo, em um mundo exterior caótico, como em Qoheleth, mas também em um mundo interior marcado pela fatalidade como o de Schopenhauer. Disto, podemos deixar claro que o caminho schopenhaueriano, é de dentro para fora. Ele tem

¹³ SCHOPENHAUER, Arthur. *As dores do mundo*. São Paulo: EDIPRO, 2014. p. 26.

¹⁴ SCHOPENHAUER, 2014, p. 30.

¹⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *A Sabedoria da Vida*. São Paulo: EDIPRO, 2012. p. 9-15.

como chave hermenêutica seu cenário interior, levando-se em conta a sua leitura social a partir do trauma e da conseqüente necessidade de encarar a realidade. De fato, um indivíduo traumatizado pelo ambiente familiar conturbado, também oferece a si mesmo muito pouco da prolixa esperança de um mundo melhor. Schopenhauer deixa claro que somos predispostos a dor, mais do que a ausência dela, assim atesta: “[...] o homem não tem, em relação a prazeres físicos reais, nada mais que os animais, a não ser o fato de que seus sistema nervoso superior em potência eleva a sensação de cada prazer, mas também de cada dor.”¹⁶

Torna-se necessário asseverar: por mais que a dor tenha raízes concretas no mecanismo de defesa orgânica, a maneira marcante, preponderante e, por vezes, traumática como ela se apresenta demonstram claramente o protagonismo deste sentimento. Somos mais o que dói do que o contrário. Quando olhamos para vida e aquilo que contamos como experiência, inclusive de desenvolvimento ou crescimento humano, estaremos invariavelmente falando de dor. Um sujeito que só fala dos prazeres que viveu é considerado por nós como vazio, enquanto as pessoas que viveram experiências doloridas nos chamam muito mais a atenção. Cultuamos as pessoas que superam as dificuldades, inda mais quando são, aparentemente, barreiras intransponíveis. Isso depõe positivamente para a nossa capacidade de aprendizado, porém atesta cabalmente que somos predispostos à dor, inclusive a ponto de darmos a ela valor superior.

A morte como fim do tédio

O tédio é mesmo persecutório e implacável. Desde que se empreenda alguma coisa na vida, o tédio jaz à porta. Parar é inquietante, silêncio é o maior dos barulhos. Somos incapazes de suportar pessoas e lugares por muito tempo. É comum vermos pessoas surtarem em Unidades de Tratamento intensivo (UTI) pelo tempo de confinamento, outros que se matam na prisão e pioram seus comportamentos após a experiência de terem sido presos. O tédio nos é absolutamente insuportável e enlouquecedor.

As pessoas são tediosas. Os pais não poderiam suportar passar todo tempo com os filhos, precisam sair para trabalhar. As mães, santas mulheres, enlouqueceriam, se crianças não dormissem tanto quanto dormem. A natureza dá tréguas para o tédio, mas não resolve o problema. Não há como escapar dele, ele está em todos os lados. Schopenhauer é assertivo em nos dizer que a morte trará o final apoteótico desta sina.

O que é curioso no comportamento humano é que nos cansamos de tudo, menos do próprio tédio. Ele continua nos movendo em direção à correria, assim preferimos ganhar mais sobrevida ao invés de aprender com a desaceleração que a natureza nos

¹⁶ SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a Ética*. São Paulo: Hedra, 2012. p. 150.

impõe ao nos encaminhar para morte, a cada fase, impondo seu ritmo e lição, inclusive para nos convencer a morrer em paz.

O receio da morte: o inevitável em Qoheleth

Não há como pensar na morte sem percebê-la como o inevitável a visitar os humanos. Para alguns, essa clareza gera extremo desconforto e conseqüente recusa de tratar do assunto. Evita-se o assunto não somente por se tratar disso, mas por se ver a morte como um mal, ou uma penalidade em si mesma.

Para a Bíblia, a morte é salário do pecado original, o mais terrível dos males cometidos contra a divindade. Portanto ela deveria ser entendida como castigo. Segundo as escrituras, o homem deixou o autodomínio e a submissão a Deus em busca do egoísmo e da vaidade da serpente. Ao escolher esse caminho, o homem é punido com mortalidade. No novo testamento, o homem encontra vida eterna por meio da fé. No entanto, essa visão cristã não é compartilhada pelo judaísmo, menos ainda à época do Eclesiastes. Perceba o que ele diz:

O destino do homem é o mesmo do animal; o mesmo destino os aguarda. Assim como morre um, também morre o outro. Todos têm o mesmo fôlego de vida; o homem não tem vantagem alguma sobre o animal. Nada faz sentido. Todos vieram do mesmo lugar; vieram do pó, e ao pó retornarão. Quem pode dizer se o fôlego do homem sobe às alturas e se o fôlego do animal desce à terra?¹⁷ [grifo nosso]

Esse trecho deixa clara a crença de que o destino físico dos homens e dos animais é o mesmo. O sábio é contundente em afirmar o que a morte seria a cura definitiva da vaidade da serpente: morrendo o rico, o pobre, gente, bicho; todo mundo vai para o mesmo lugar, e quanto à alma, a proposta é ninguém se aventurar a dizer qual o destino dela. O que há de claro é o inevitável. A morte é certa para todos.

É preciso que se diga: não existe maior semelhança entre quaisquer coisas feitas de carne e osso senão a de um dia serem comidos por vermes até virarem adubo ou poeira. É ácido pensar assim, entretanto há de se considerar que a percepção da finitude parece ser necessária ao orgulho contra a sensação de onipotência. Entendendo-se como parte do efeito do tempo, o homem terá uma eficiente ferramenta para compor uma perspectiva mais clara a respeito dos seus limites. Ademais, o homem que se percebe como finito ganha senso de realidade e visita a humildade com facilidade, arriscando menos ter visão superlativa de si mesmo em relação aos outros e em relação ao mundo. A finitude é amiga próxima do espelho. Ela inicia o processo reflexivo no qual a morte protagoniza o processo de regulação da consciência sobre a qual todos os homens têm base: o fato de que

¹⁷ Ec. 3. 19-21.

qualquer dia, em um tempo que não dominamos, em um episódio que não conhecemos não seremos como somos, e por isso, não há orgulho que justifique uma existência ativa.

O inevitável em Schopenhauer: sobre o conhecimento da morte

Schopenhauer diz que do ponto de vista da sua natureza “a morte é um grande mal”.¹⁸ Ela significa aniquilação, desaparecimento. No entanto parece que o conhecimento da morte é um mal bem maior. Assim, atesta:

O animal vive sem conhecimento verdadeiro da morte: por isso o indivíduo animal goza imediatamente de todo o caráter imperecível da espécie, na medida em que só se conhece como infinito. Com a razão apareceu, necessariamente entre os homens, a certeza assustadora da morte.¹⁹[Grifo nosso]

A diferenciação entre a morte e o conhecimento dela é pertinente, posto que passamos a maior parte da vida ignorando que ela existe, e, enquanto isso, vamos preenchendo o espaço com aquilo que consideramos importante para sofisticar o tempo. No entanto, ao sermos visitados por uma taquicardia, uma dor nunca antes sentida, uma má notícia de alguém em estado grave, passamos de desapercibidos para um espírito sobressaltado. Essa reação é a visita da reflexão da morte na relação direta de quem detém o conhecimento dela.

Uma criança chora sua dor, luta para sobreviver, mas não teme a morte como algo iminente. Quando passa à consciência, vive os dilemas de todos. À medida do tempo passamos a ser mais medrosos, precavidos, esse é o lado sábio do receio, o lado que busca prudência. À mesma medida, serão mais frequentes os *sobressaltos*, e neles temos a oportunidade de criarmos uma relação mais ou menos tensa com a morte: tornando-a uma companheira de caminhada, ou uma deletéria consumidora de energias.

O receio do desperdício

Morte é desperdício. É difícil chegar à conclusão de que gastamos tempo aprendendo coisas, realizando outras e pensar que isso vai acabar, simplesmente cair em um depósito ao qual não se tem acesso. Daí o receio de morrer, para não ter sensação de perda.

Do que se faz em vida

Infelizmente, há pouca ou nenhuma proposta religiosa que desemboque em um aproveitamento do que se faz em vida, no entanto queremos permanecer vivos a qualquer

¹⁸ SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do amor, metafísica da morte*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 62.

¹⁹ SCHOPENHAUER, 2000, p. 59.

custo. Qoheleth nos encaminha a julgamento divino na pós vida. Não se sabe se essa proposta redundaria em premiação de alguma natureza para os que fazem o bem. A proposta do apocalipse bíblico é de paraíso; para os que creem em metempsicose²⁰, o renascimento e evolução; em ambas uma triste amnésia do que se viveu, sem continuidade ou continuidade de consciência... Em qualquer proposta, o que se faz aqui, pode redundar em prêmio à frente, mas não terá relação direta. A proposta é sempre de que toda a vida é outra e nova após a morte. Para a religião, se precisamos de uma vida nova – reencarnando ou sendo premiado – é porque a vida antiga é ruim, ou simplesmente pior. Já que, então, nenhuma proposta de pós morte implica em reaproveitamento do que se sabe ou se vive, morrer é desperdício.

Schopenhauer deixa claro que deveríamos considerar o fato de que a raça humana continua, por isso, de certa forma somos “eternos”. Portanto razão de continuarmos vivos e do temor da morte, são fruto da vontade inerentes aos entes vivos, individualmente manifestos na tentativa de perpetuação.²¹ Isso é vago objetivamente, pois não nos mostra um sentido da morte em si, senão as implicações da manutenção da vida. Objetivamente, a morte é fim do desgaste de uma presença também como é o fim da energia de uma bateria que detinha uma carga e foi gasta. A perspectiva de uma vida contínua seria insuportável. Por mais apegado que alguém esteja à vida, em dado momento esse alguém cansará de viver. A vida cansa, tal qual a dor e o sofrimento inerentes a ela. Portanto a morte não é somente desperdício, mas descanso e aceitação humilde. Humildemente devemos ir de encontro à morte sabendo que, se tivéssemos outra vida, em cada fase, faríamos as mesmas escolhas e seríamos os mesmos. O tanto que plantamos, plantaríamos; e o quanto colhemos, colheríamos. Portanto precisamos aceitar a nossa graciosa inserção além da vida, sem a culpa de ter escolhido o que escolheu e sido o que foi, e principalmente, sem achar que merecia mais oportunidades.

Do tempo que se gasta

Qoheleth diz que a todos sucede a mesma coisa “ao bom, ao puro, ao impuro; ao que sacrifica como ao que não sacrifica; ao bom como ao pecador”.²² Aqui, o sábio separa três pontos, a saber: a ritualística religiosa, a intelectualidade e o trabalho. Pensemos sobre elas. Quanto a atividade religiosa, bom que se diga que há substancial diferença entre busca de espiritualidade e mera frequência nas reuniões cúlticas. Em todas as religiões existem os fiéis para os quais a atividade religiosa é mero cumprimento de agenda,

²⁰ Teoria de transmigração da alma

²¹ Schopenhauer defende que a vontade é aquilo que permanece em continuidade após a morte em detrimento do intelecto. Por isso as pessoas não se lembrariam das vidas passadas. Isso está expresso em: SHOPENHAUER, Arthur. *Da morte, metafísica do amor, do sofrimento do mundo*. São Paulo: Martin Claret, 2011. p. 66. Neste mesmo livro (p. 46) ele defende que na continuação da espécie o homem, como qualquer animal, encontraria a resposta da sua sensação de eternidade, ou perpertuação.

²² Ec. 9. 2b..

enquanto para outros, é genuíno desejo de ter experiências marcantes. Para os primeiros, a religião é mesmo perda de tempo e não servirá em nada para apaziguar os dilemas referentes à morte; para os segundos essa atividade será substancialmente proveitosa.

É curioso, como de fato todos tem de fazer uma escolha quando se trata de conhecimento. Em uma vida, ou saberemos pouco de muita coisa ou muito de uma coisa só. Dá para pensar com certo relativismo no conceito de mediocridade. Enquanto os amantes do intelecto enaltecem-se pelas descobertas e formulações, os amantes do corpo se enaltecem pelo *design*, contudo estão todos pelo *self* jungiano²³. Tudo que importa é ser arquétipo, é ser aceito, integrado: uma definição contemporânea de vaidade. Ao que Qoheleth nos propõe tratar com desdém, vivendo aproveitando-se de prazeres simples como comer, beber, se alegrar com a esposa e regalar-se com os filhos.²⁴ Diferentemente, Schopenhauer trata o conhecimento como bálsamo e riqueza da vida.²⁵ Ele deixa claro que o prazer é fugidio, que o exercício físico é ridículo. Nisto temos uma discordância clara entre o sábio e o filósofo.

Em síntese, pelo formulado, podemos acrescentar que há recompensa no conhecimento, mesmo nele como relativo. Não há como negar que ele apazigua o espírito humano, conferindo-lhe mais equilíbrio. De fato, na velhice, quando não há mais tanta força, nem virilidade, nem ânimos; o conhecimento costuma vir como substitutivo.

No tocante ao trabalho, o relato bíblico deixa claro que o trabalho como mera subsistência foi dado como uma maldição para o homem.²⁶ Logo mais à frente, o lavrador Caim mata seu irmão, o pastor de ovelhas Abel, por inveja; representando a evolução latifundiária sobre a cultura pastoril. Esse mito do gênesis figura bem o que representa o trabalho como maldição assassina. Desde que somos uma “civilização”, matamos e morremos pela concorrência e sobrevivência que se inicia na corrida de milhões de espermatozoides e continua no mercado da vida. E a vida é um grande mercado. É onde se vende as imagens fabricadas pelo que se conquista morrendo em outros sentidos. Morre-se de raiva, pela falta de transparência, posto que ninguém consegue ser o melhor de si mesmo, sem simulacros, e deixar de ser insuficiente para consumo. Morre-se de cansaço, ao tentar correr atrás de um produto sempre à frente, no qual somente subsiste o último programa, a última tecnologia, a última moda; ao fim, morre-se de vergonha de ter vivido para si mesmo e para seu cubículo relacional, no qual se copula o interesse prosaico.

²³ Perspectiva do EU que integra a unidade da personalidade como um todo. “O self não é somente o centro, escreve Jung, ‘mas também a circunferência total que abrange tanto o consciente como o INCONSCIENTE; é o centro dessa totalidade, como EGO é centro da mente consciente (CW 12, parág. 444). Na vida, o self exige ser reconhecido, integrado, realizado”. Fonte: DICIONÁRIO Crítico de Análise Jungiana. Disponível em: <<http://www.rubedo.psc.br/dicjung/verbetes/self.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2014.

²⁴ Ec. 9. 7-9.

²⁵ SCHOPENHAUER, Arthur. *A Sabedoria da Vida*. São Paulo: EDIPRO, 2012. p. 51.

²⁶ Gn. 3. 17.

A maioria das pessoas na verdade não gosta tanto de trabalhar quanto de ganhar dinheiro, com isso imagina-se construir uma dignidade econômica, se é que essas duas palavras se aceitam entre si, dado ao fato de que o conceito de dignidade para alguns é conceito de supérfluo para outros tantos. Assim, torna-se necessário discordar de Benjamin Franklin quando diz que o trabalho dignifica o homem. O que dignifica o homem são suas certezas e o alinhamento dessas certezas com suas escolhas. Para fazer sentido, o trabalho tem que voltar a ser o que era, uma missão prazerosa; do contrário ele será enfado, e a morte, sua libertação.

Receio traduzido em mistério e medo

Como visto, Qoheleth afirma que não se pode dizer nada sobre o destino dos homens e dos animais. Ele inaugura o mistério sobre o qual também se sustenta o medo. Não saber o que se espera após a morte é motivo claro de pavor para quem se aproxima dela. Tê-la como um mal, significa temer o que está por detrás. É como uma assombração, um vulto que se mostra em dubiedades e nos inibe a vontade de investigar. Encarar o medo seria a melhor opção, contudo geralmente pensamos que mais valerá enrolar-se nas cobertas e pensar estar vivendo um inverno rigoroso.

O escritor do Eclesiastes não tenta desvendar esse mistério, resume-se somente ao fato de que vamos para o mundo dos mortos (Sheol) – um lugar que não encontra muitas definições de estado da alma – e que Deus julgará as obras dos homens.²⁷ Esse julgamento é tônica para além da investigação da condição pós morte. Fica claro, portanto, que a proposta do sábio é nos levar a refletir sobre a morte, não aprofundando sobre a natureza do destino que nos espera no Sheol. Para ele o juízo é tão inexorável quanto a morte, e espera todos os homens. Assim ele não oferece uma proposta para o medo, senão precaução diante da espreita do julgamento divino; conforme as obras.

Nesse aspecto, Schopenhauer, muito embora pense como desnecessário investigar o que vem depois da morte, assim como o que vem antes da vida também; se posiciona propondo uma forma diferente de aplacar o medo da morte. Ele diz serem, em geral, a filosofia e a religião as grandes amigas da tranquilidade face a esse medo, como vimos; contudo, nessa tarefa, estariam se saindo melhor o bramanismo e o budismo, pois encaram o homem como ser originário, portanto sem ideia de nascimento e perecimento, diferentemente das religiões que consideram o homem feito a partir do nada, como o judaísmo.²⁸

Para ele, é inconsistente a tentativa de convencer o homem de que antes ele era nada e depois passa a ser eterno. Ele rechaça a proposta de Qoheleth em que o homem seja

²⁷ Ec. 3. 17.

²⁸ SHOPENHAUER, Arthur. *Da morte, metafísica do amor, do sofrimento do mundo*. São Paulo: Martin Claret, 2011. p. 51.

julgado, ao ponto que, se veio de um outro eterno, não pode se sentir responsável por sua conduta por toda eternidade futura.²⁹ De forma categórica, a lógica do pensamento do filósofo é de propor uma perspectiva de responsabilização do homem de *per si*. Esse caminho é depois trilhado a fundo por Nietzsche quando propõe-nos o super-homem.

Morte e mistério

O mistério – entendendo-se como coercitivo desconhecido – é uma arma poderosa para a imposição de respeito. Quando desconhecemos as situações por que vamos passar, não podemos calcular, prever... Quando conhecemos, podemos nos preparar para saber responder, reagir. Um adversário nos é mais ameaçador quando desconhecido.

A morte nos impõe grande respeito em seu mistério, gerando grande desconforto, não somente pelo incerto que nos sugere, mas pelo fato de não nos enviar precedentes. As experiências de quase morte são relatos parecidos, o que leva os investigadores cientistas a pensar em questões fisiológicas capazes de produzir sensações reais oriundos de um estado alterado de consciência. Não parece insensato pensar dessa maneira, já que a morte deve ser declarada, não em uma quase morte, mas em uma morte de fato e por algum tempo. Só seria então coerente colher relatos de um ressuscitado, em um tempo do qual não fosse possível um humano se recompor fisiologicamente de nenhuma maneira. Ou seja, uma morte por completo. Assim perdura o provérbio: “Ninguém voltou de lá para contar como é”. E o mistério permanece. Isso nos impõe um respeito contundente pela deposição ideológica do controle do nosso destino.

Morte e medo

O medo da morte é “mercadológico”, quando, como resultante, temos respostas rápidas e prontas para inquietações profundas. “Vende-se”, não necessariamente em troca de dinheiro, a possibilidade de resolver os dilemas existenciais com sujeição; transferindo a responsabilidade de refletir consigo, para uma outra mente considerada privilegiada, ou superior. Permitir-se aos dogmas ou a lideranças, sem nenhuma reflexão, que nos digam o que nos espera após a morte, ou qual a interpretação que faremos dela é privar-se da oportunidade de abraçar a subjetividade em si.

A incerteza do futuro pós-morte, ou a possibilidade de um castigo funesto iminente, transformando o mistério em medo; são mecanismos de convencimento, que tornam melhor não questionar. Isso significaria, necessariamente, assegurar a obediência subserviente automatizada. Robotiza-se um indivíduo ou um grupo em função da manutenção de uma ordem institucional, ou de um interesse tirânico, utilizando-se do

²⁹ SCHOPENHAUER, 2011, p. 23-24.

terrorismo psicológico. Condiciona-se os atos em função do medo do além. Nesse trilho, desobedecer em qualquer circunstância representa ser penalizado dentro ou fora de si mesmo. Entenda-se: se não for acusado por alguém, o sujeito o será pela consciência; que passa a viver cativa do terror.

Usado assim, o juízo divino, proposto por Qoheleth, pode tornar-se modelo opressor. Calha dizer: nenhuma ideia de sobre-humano representado por algum humano que resulte em privar alguém de ser pensante, justifica-se, senão pelo desejo tirano de subjugar. É artifício inescrupuloso.

Bom que se diga: Em cada saída proposta pelo medo, há uma prisão mais apertada ao fim do corredor. A inobjetividade – entenda-se como algo não prático – do medo é seu calcanhar de Aquiles. Ao tempo que o medo é mecanismo de prudência para autopreservação, também é elemento paralisante.

A adrenalina é uma substância liberada por nosso organismo quando somos colocados em perigo. A descarga desse elemento nos leva a capacidades extraordinárias, nos preparando para reações rápidas e agressivas. Em uma ameaça direta, o medo é um mecanismo de defesa para preservação da vida. Essa não é uma exclusividade dos seres vivos conscientes, como os humanos, mas do instinto de defesa. Contudo, a consciência pode ser o elemento paralisador, quando agente da antecipação e conseqüente ansiedade.

Desse modo fóbico, deriva pensarmos que o medo não é objetivo a não ser em perigo iminente. Portanto ter medo da morte só é importante para nos manter vivos em situações onde a vida é diretamente ameaçada, porém não nos serve de auxiliador na reflexão nítida sobre o que a morte representa. Assim o medo não ajuda em nada, precisando ser trabalhada a sua aniquilação. Nesse esforço, a atividade de fazer o bem é um consenso entre o filósofo e o sábio.³⁰ Portanto, seja por receio do julgamento, ou por entender que ser mais generoso quebra a lógica do mal do mundo; fazer o bem seria um bom remédio para aplacar o medo da morte.

Seria importante deixar claro que da maneira como o mundo nos é apresentado deriva o senso das atitudes de bondade, portanto, faz-se necessário deixar claro que a bondade deverá se apresentar como altruísmo de *boa vontade* como veremos em conclusão.

Considerações Finais

Morte, justiça e boa vontade

Há que se pontuar que se não por julgamento divino, ou de outra natureza metafísica; enquanto ser encarnado, ou enquanto em um outro estado de consciência, ou

³⁰ Tanto Qoheleth como Schopenhauer procuram deixar claro que a prática do bem é elemento apaziguador de consciência, no sentido de atrair paz de espírito. Schopenhauer trabalha isso como tentativa de vencer o mal do egoísmo; enquanto Qoheleth percebe esse caminho como uma forma de prazer e contentamento. [Nota Pessoal]

corpóreo; o homem precisa de uma noção de justiça contundente frente aos atos que pratica. Ao permitir que o ser se veja como alguém necessitado de prestar contas somente a si mesmo, não reconhecendo a necessidade da solidariedade, por exemplo, não poderá ser julgado por isso se puder se valer da ignorância sobre a solidariedade. À medida que um código externo se estabelece claro e contundente, a partir da ética, da convivência, ou da sobrevivência social; esse código legal ou ético, o qual chamaremos, como nos evangelhos, de *boa vontade*, se torna essencial regulador do impulso animal.

Nem todos entendem que essa *boa vontade* é motivo suficiente para agir de acordo com esses códigos estabelecidos. Por isso, para oferecer um mecanismo mais eficiente à consciência é necessária a “prescrição” de um remédio mais enérgico, e este seria a conscientização de que o indivíduo é observado, em suas atitudes, por um ser divino. Assim, ele poderá até conseguir burlar as leis humanas, no entanto não poderá enganar os céus, logo a única opção é enganar-se. Então ele engana-se se quiser. A morte estará sempre à espreita para lembrá-lo de que deve medir seu comportamento, ao preço de ser medido pelas más escolhas desconsiderando a *boa vontade*.

De fato, talvez essa forma de pensar ressalte a culpa humana em detrimento da misericórdia e bondade divinas, contudo é difícil deixar de reconhecer a eficiência no convencimento das pessoas a irem por caminhos menos inconsequentes. Portanto, esse caminho pode ser inimigo do conforto, mas certamente será amigo da justiça enquanto agente da *boa vontade*.

Portanto a proposta de cultivo da *boa vontade*, chamada de “compaixão” por Schopenhauer e simplesmente de “bem” por Qoheleth, fica estabelecida como sugestão fundamental para aplacar o receio da morte, não representando simultaneamente o descaso pela vida.

Uma vida de *boa vontade* seria, essencialmente, uma vida boa; posto que se torna em negação da egolatria e conseqüente permear de significados em relações que não se esgotam no mero dever, mas no desenvolvimento do ser integrado e ativo no mundo. Em conseqüência a sensação de desperdício é minorada por esse fato, posto que tal atividade tem fim em si mesma, podendo se esvaír na morte; mas, em incinerada, teve seu valor enquanto durou.

Sobre juízo divino

Estaríamos longe de, em uma breve conclusão, esgotarmos esse assunto, entretanto, seguramente, vale a pena chegarmos ao fim do texto sobrescrito com essa reflexão. A proposta de juízo feita por Qoheleth nos leva a uma reflexão ética, sem dúvida, mas é uma resposta incompleta. Qual será o resultado desse juízo? Qual será a punição do condenado? Qual será a recompensa do aprovado? Essas perguntas nos levariam a uma

especulação das possibilidades pós morte, o que não é também objeto desta investigação, no concentremos, portanto na ideia de paraíso.

Não basta apenas pensar que haverá uma paga justa para os maus, é preciso pensar que a passagem para a morte levará os bons a um lugar melhor e haverá algum sentido nesse juízo para os maus. Se a morte nos leva para um lugar pior, nos agarremos à vida a todo custo. Tentemos desenvolver homens máquinas, através dos quais nossas almas se eternizem constantemente arraigadas a esse plano, o que representaria um tédio tão eterno quanto. Vale então dizer que a perspectiva do paraíso é lógica para a aceitação da morte como uma opção para todos os bons moribundos, ou para todas as vidas inocentes interrompidas, ou para aqueles que, de tão amados, deixam marcas indelévelis.

Imagina-los em um lugar pior do que o sofrimento experimentado, em vida, por eles ou por nós ao perde-los, é referir-se à existência como total inutilidade. Afinal, de que valerá boas escolhas e aprendizados em si mesmos? Se os aprendizados e escolhas desta vida apagam-se em lembranças, qual sentido fará um sofrimento posterior no qual somente se sofre e de nada apreende-se? Assim, acreditar no sofrimento por sofrimento é entender o destino como péssimo pedagogo.

Já parece que não carregamos lembranças após a morte, que se dirá de um sofrimento alheio às lembranças e sem sentido? Se a culpa nunca se purga é a pena pela pena, é o mal pelo mal. Faz sentido então que o homem mal carregue consigo as lembranças para purga-las, sendo assim terá pleno entendimento do seu sofrimento e o destino será bom pedagogo. Se o homem vai ao paraíso, não importa que tenha lembranças, pois ninguém reclama de não ter lembranças em um lugar onde se vive pleno. Assim, o paraíso é final apropriado de ser aquinhoado pelos sentidos, já que as lembranças serão apagadas.

Obviamente que tal raciocínio só é possível tendo como pressuposto a imortalidade da alma, ou como chamado pelos cristãos: a continuidade do espírito, enquanto “dormem” todos os que esperam o juízo. Como foi dito, essa perspectiva da dualidade é a construção *mater* para o desenvolvimento de uma metafísica sobre a morte e sobre a pós-morte, do contrário somente nos seria possível pensar na aniquilação. Portanto, julgando-se que o homem é ontologicamente eterno para o sábio e para o filósofo, como em todo o caminho construtivo deste texto, podemos concluir que, muito embora a morte seja objeto de temor, ela deve ser encarada como um desafio de conquista, tal qual fazemos com alguém por quem nutrimos afeição. A morte tem muito a nos oferecer como um velho sábio, ou como alguém que se sente a vontade para conversar conosco, por isso os diálogos com ela serão sempre produtivos, as perguntas serão sempre instigantes e as respostas, ou as tentativas de oferecê-las, serão sempre profundas.

Referências

BARBOSA, Jair. *Schopenhauer: a decifração do enigma do mundo*. São Paulo: Moderna, 1994.

A BIBLIA SAGRADA: Antigo e Novo Testamento. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. 2. ed. rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.

A NOVA VERSÃO INTERNACIONAL DA BÍBLIA DE ESTUDO. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/ec/3>>, Acesso em: 27 jun. 2014.

A BIBLIA DE JERUSALÉM. Traduzida em português por Euclides Martins Balacin. 5. ed. rev. e amp. no Brasil. São Paulo: Paulus, 2002.

BIBLIA SAGRADA: Almeida Século 21. Traduzida em português por João Ferreira de Almeida. ed. rev. e amp. Com o novo acordo ortográfico. São Paulo: Vida Nova, 2010.

CERESKO, Anthony. *A Sabedoria no Antigo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2004.

PLATÃO. Fédon. In: *Coleção Os Pensadores*. 5. ed. São Paulo : Nova Cultural, 1991.

SCHIMIDT, Werner. *A fé no Antigo Testamento*. São Leopoldo, Sinodal.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A Sabedoria da Vida*. São Paulo: EDIPRO, 2012.

_____. *As dores do mundo*. São Paulo: EDIPRO, 2014.

_____. *Da morte, metafísica do amor, do sofrimento do mundo*. São Paulo: Martin Claret, 2011.

_____. *Metafísica do amor, metafísica da morte*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. *O mundo como vontade e como representação*. 7. ed. São Paulo: Unesp, 2005.

_____. *Sobre a Ética*. São Paulo: Hedra, 2012.

_____. *Sobre a Morte: pensamentos e conclusões sobre as últimas coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

SILVA, Deonísio. *De onde vêm as palavras: origens e curiosidades da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Lexikon, 2014.

VANDRÉ, Geraldo. Pra não dizer que eu não falei das flores. In: CHARLIE BROWN JR. *Imunidade Musical*. EMI MUSIC, 2005.

VOLPI, Franco. *Introdução de "A arte de envelhecer"*. São Paulo: Martins Fontes, 2012.